A cultura do medo: breves reflexões da relação entre idosos e programação televisiva[1]

Alice Martins MORAIS[2]

Alda Cristina Silva da COSTA[3]

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Considerando a mídia como portadora de poder simbólico e, portanto, detentora de grande influência na formação da opinião da população em geral, o presente artigo objetiva refletir como temáticas violentas na programação televisiva podem contribuir para a cultura do medo entre os idosos. Na discussão desenvolvida, parto de entrevistas realizadas com seis idosos, na faixa etária dos 65 aos 70 anos, em espaços públicos, com perguntas abertas com a finalidade de perceber o sentimento dos mesmos com relação essa cultura de medo.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; violência; televisão; idosos; cultura do medo.

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática 4 - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 04 a 07 de setembro de 2013.

[2]Bolsista JTC (Jovens Talentos para a Ciência – CAPES/CNPq), estudante do 3º semestre do curso Comunicação Social- Jornalismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA) e faz parte do grupo de pesquisa *Mídia e Violência – as narrativas mediáticas na Amazônia Paraense*, coordenado pela professora doutora Alda Cristina Costa. alice.morais@ilc.ufpa.br / alicemartins-@hotmail.com

[3] Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará (UFPA) e coordenadora do grupo de pesquisa *Mídia e Violência – as narrativas mediáticas na Amazônia Paraense*. aldacristinacosta@gmail.com

INTRODUÇÃO

A temática violência ganhou os espaços da programação da televisão brasileira. Antes, apenas alguns programas privilegiavam o tema, dando destaque em matérias que misturavam sangue, sensacionalismo e espetáculo. Hoje, o tema saiu dos programas específicos e adentrou no telejornalismo, nos filmes e nas telenovelas.

A presente discussão parte da reflexão que a profusão de matérias de violência acaba gerando uma sensação de cultura do medo. Na referida análise, tomo como objeto de estudo seis idosos, na faixa etária entre 65 a 70 anos. As entrevistas foram realizadas no município de Castanhal, estado do Pará, distante 75 quilômetros da capital. A escolha dessas pessoas foi proveniente de algumas falas identificadas, a partir do início das atividades do projeto de pesquisa Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense, realizado na Universidade Federal do Pará/Faculdade de Comunicação.

Como idoso tomo como referência o uso da idade, de acordo com a Lei brasileira No 10.741, de 1º de outubro de 2003, que instituiu o Estatuto do Idoso, são identificadas desse modo pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Esse conceito não leva em consideração particularidades do individuo, foca no *status* dele, como estabelecido no trabalho "Como vai o idoso brasileiro?" (1999), desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) ligado ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, que diz que

> O status de idoso pode ser atribuído a indivíduos com determinada idade mesmo que não apresentem características de dependência ou senilidade associadas à velhice e, mais importante, mesmo que recusem esse status. (CAMARANO, Ana Amélia et al. 1999: 4)

Na construção da presente pesquisa, realizo uma reflexão sobre a percepção do idoso com relação a uma programação televisiva com conteúdo de violência. O ponto de vista sob o qual abordei o assunto foi de que o tratamento dispensado pela mídia à cobertura da violência gera uma cultura de medo entre a população, seguindo a linha de

pensamento de Barry Glassner (2003), que reflete sobre as percepções exageradas de riscos e perigos que nem sempre condizem com a realidade, mas apenas com a realidade criada pela mídia. Por isso, Glassner questiona o porquê de "temermos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos".

Levo em consideração também outros trabalhos que abordam o mesmo tema, inclusive aqueles com pontos de vista diferentes, como o livro de Sílvia Ramos, *Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*, que acredita que a imprensa cumpre o papel de "fiscalização dos erros e das manipulações das estatísticas de segurança".

A realização da pesquisa justifica-se pela necessidade de entender como os idosos percebem no seu dia a dia as matérias sobre violência divulgadas na televisão brasileira, assim como, a partir dos estudos de alguns estudiosos, sobre a influência exercida pelos meios de comunicação, especificamente a televisão, na construção social da realidade.

> Quando se percorre a literatura nacional e internacional que trata o tema do medo relacionado à criminalidade, não há como não constatar a presença massiva da mídia nos debates (ACKAH, 2000; BARBERO, 2002; CALDEIRA, 2000; CHESNAIS, 1981; COMAROFF, 2002; ESTRADA, 2001; KOVARICK; ANT, 1982; LAGRANGE, 1985; GARLAND, 2000; GLASSNER, 2003; GONÇALVES; SPOSITO, 2002). Para a maioria dos autores, a forma como a mídia retrata a violência faz com que ela exerça um papel fundamental, enquanto colaboradora do sentimento de medo das pessoas diante da criminalidade. A mídia é ressaltada por Chesnais como grande contribuinte para o aumento do sentimento de insegurança por ela "adentrar a esfera íntima dos indivíduos", tocando principalmente os idosos por serem, segundo ele, os mais retraídos, mais frágeis e isolados. (AGUIAR, 2005, 35)

Na materialização do artigo parto da seguinte indagação: "Até que ponto a violência na mídia contribui para a cultura do medo entre os idosos?". Argumento que a mídia tem contribuído para uma percepção de cultura do medo nos idosos.

Objetivo realizar pesquisa com idosos para identificar suas percepções com relação à violência apresentada pela mídia (como o medo aumenta quando são noticiados casos de violência, por exemplo) e diferenciar os sentimentos dos idosos em relação aos tipos de programas: jornais, filmes e novelas.

O resultado da pesquisa demonstrou uma percepção inicial que pode ser ampliada futuramente, mas capaz de responder aos questionamentos iniciais e que possibilitou percepções adicionais ao que foi proposto.

DESENVOLVIMENTO

Parto da ideia de que a televisão apresenta uma programação com apelo significante de matérias de violência, não apenas nos noticiários, mas nos filmes, séries e novelas. Escolhi o método indutivo e qualitativo, por meio da realização de pesquisa de campo em espaços públicos com seis pessoas da faixa etária entre 65 e 70 anos, sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino, na cidade de Castanhal (PA), escolhidas aleatoriamente. As duas primeiras entrevistas foram realizadas em um supermercado de classe média e as quatro seguintes em um supermercado de classe economicamente mais baixas.

Estes idosos não são identificados no presente artigo por seus nomes, mas por numeração (ex.: idoso 01). São eles:

Idoso	Sexo	Idade	Local
Idoso 01	Masculino	70 anos	Supermercado classe média
Idoso 02	Masculino	65 anos	Supermercado classe média
Idoso 03	Masculino	70 anos	Supermercado classe baixa
Idosa 04	Feminino	65 anos	Supermercado classe baixa
Idosa 05	Feminino	68 anos	Supermercado

			classe baixa
Idosa 06	Feminino	67 anos	Supermercado classe baixa

Na intervenção junto aos idosos, elaborei quatro perguntas abertas no sentido de compreender as percepções dos mesmos com relação ao conteúdo violento difundido na televisão. A primeira pergunta teve o objetivo de saber como eles se sentem ao ver na televisão notícias de violência. A segunda, como se sentem ao assistir conteúdos violentos nos filmes e nas novelas. A terceira, como se posicionam a respeito da exposição da violência na televisão – se acham exageradas e/ou desnecessárias. E, por último, como enxergam o mundo depois de assistir inúmeras violências nos telejornais. Com este método foi possível identificar preliminarmente as sensações obtidas, deixando que os próprios entrevistados respondessem espontaneamente sobre suas percepções.

Para analisar criticamente as falas dos idosos, utilizei autores que pudessem referendar minhas abordagens, entre eles: Glassner (2003), Ramos (2007), Amaral (2007), Aguiar (2009), entre outros. Recorri também aos artigos que tratam a cultura do medo, a relação entre mídia e violência, o significado da violência, além da pesquisa em Comunicação Social.

Ao iniciar as primeiras argumentações, tomo como referência Gerbner (apud AMARAL, 2007), que afirma que parece que a influência da informação sobre violência na TV, em especial nos telejornais, tem antes um caráter mimético do que catártico, ou seja, aquilo que o autor denominará de "síndrome do mundo vil".

> O pesquisador conduziu um estudo de três décadas sobre a violência exibida na televisão e mostra de que forma uma veiculação exagerada produz uma sensação de insegurança e ansiedade crescente em relação ao mundo mostrado na TV. Ressaltando a dimensão mítica adquirida pelas narrativas televisivas, Gerbner acredita que pessoas que assistem muita TV têm maior tendência a ter uma visão distorcida da realidade. 'O que isso significa é que se você cresce em um lar onde se assiste mais de três horas diárias de televisão, para todos os efeitos práticos você vive em um mundo vil – e age de acordo – do que seu vizinho que vive no mesmo mundo, mas assiste menos televisão'.(GERBNER, George. 1994: 1).

> No caso específico da violência, essas pessoas podem acreditar que os índices de criminalidade estão aumentando e superestimar o medo de serem vítimas de crimes violentos. O autor também observa como esse medo de se tornar vítima de um crime pode levar ao desejo por medidas punitivas mais rigorosas, como a pena de morte, a fim de aumentar a segurança. (AMARAL, 2007: 127)

Ao retomar o pensamento da "síndrome do mundo vil", Glassner (2003) vai afirmar que caso a pessoa veja uma "quantidade suficiente de brutalidade na TV, começará a acreditar que está vivendo em um mundo cruel e sombrio, em que você se sente vulnerável e inseguro." (GLASSNER, 2003: 99)

Nas entrevistas realizadas, constatei os efeitos dessa 'síndrome' nos idosos ao perguntar se eles passavam a enxergar o mundo de forma diferente depois de assistir à grande quantidade de notícias sobre violência nos telejornais. Suas respostas demonstraram que, após essa exposição, sentem-se mais próximos da violência no mundo. Como se antes fosse algo distante e depois algo que pode acontecer a qualquer um e, por isso, sentem-se na obrigação de estar preparados para qualquer situação.

O idoso 01 fez a seguinte constatação:

> Geralmente nós pensamos que isso (tragédia) não ocorre com a gente, porém a gente deve estar devidamente preparado para poder enfrentar uma situação igual a essa.

A idosa 06 compartilha da mesma opinião, respondendo que após assistir televisão, via o mundo "muito diferente". Tanta coisa horrível que acontece, em tudo quanto é lugar.".

A idosa 04 declarou: "Apesar de a gente não esperar nada de ruim, mas às vezes acontece. Eu fico muito assustada, sabe?" e o idoso 03 afirmou que "Não é que dê medo, a gente fica receoso, tem que procurar se precaver mais."

Além da violência presente nos telejornais, também pude constatar, após realizar uma breve varredura na programação televisiva, que há uma grande ênfase da mídia em conteúdos violentos. Nos diversos gêneros apresentados, como filmes, novelas e séries constata-se um apelo excessivo à violência.

Alguns estudiosos concordam que conteúdo violento ajuda vender e atrair audiência. Essa é a concepção de Brad J. Bushman and Craig A. Anderson, que afirma

> que a mídia violenta é fácil para exportar para mercados estrangeiros, talvez porque eles percam menos na tradução do que outros tipos de media. Comédias, por exemplo, geralmente requerem algum conhecimento da cultura popular. (IBID. 2001: 2)

Nas análises das entrevistas percebi reações diferenciadas dos idosos quando a violência é tratada em novelas e filmes, ou seja, aceitam a violência nesses gêneros televisivos, sem grandes questionamentos.

O idoso 01 revelou: "Aí eu já mudo de ideia, porque eu já gosto de assistir filme que tenha violência.", sentimento compartilhado pelo idoso 03, que justificou "porque aí a gente já tá sabendo que é ficção, não é aquela realidade, embora queira retratar, não é a realidade". O idoso 02, no entanto, disse: "Olha, eu não gosto muito de assistir essas coisas, não. No dia-a-dia a gente já presencia tanto essas coisas". A mesma opinião foi apresentada pela idosa 04 "a gente já vê tanto na vida real, na novela a gente pode evitar.". Já as idosas 05 e 06 declararam não assistir a filmes com conteúdos violentos e assistir às novelas, mas não gostar desse tipo de cenas.

Após as respostas, indaguei aos idosos se acreditavam que deveria haver maior regulamentação da mídia em relação à superexposição da violência. As respostas que obtive podem levar a três discussões.

Primeira, no que se refere à regulamentação dos conteúdos da mídia em si, os idosos partiram da opinião de que deve haver diminuição dessa exposição na televisão, inclusive, o idoso 01 sugeriu uma "proibição por parte das autoridades dentro de um horário".

Segunda discussão, a abordagem ficou por conta da violência percebida, vista e sentida na sociedade, ou seja, não mais o conteúdo disseminado pela televisão, mas a responsabilidade do Governo em combatê-la.

Idoso 02 - "Acho que deveria ter mais investimento na segurança pública e inclusive na realidade em termos de capacitação nesses profissionais que atuam na segurança pública". Constato na fala do entrevistado, uma sensação generalizada de insegurança e uma ideia pública de incompetência do Estado.

Nesta discussão, caminho na concepção extraída por Ramos (2007), que considera em seus estudos que "a mídia exerce um relevante papel no debate e na implementação de todas as políticas públicas em curso no país" e que o medo não seria causado pela própria televisão, mas pelo mundo que revela e o governo que não cria políticas públicas necessárias. Esta visão é a que mais se aproxima da opinião dos entrevistados.

Percebo que as análises sobre o comportamento da televisão, seja no Brasil ou nos Estados Unidos, conforme estudos de Ramos e Glassner, caminham em direções semelhantes, isto é, de construção da sensação de insegurança e a ideia de incompetência do Estado - muitas vezes reforçados pela mídia e transmitido pelos notíciarios com frequência. Um caso do tipo foi o de agosto de 2006, após uma equipe da Rede Globo ter sido sequestrada pela facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital) com o objetivo de obrigar a divulgação de um manifesto em vídeo criticando a postura do governo do estado de São Paulo em relação ao sistema carcerário paulista. A partir desse fato, o Jornal Nacional passa a priorizar casos de sequestro, mas:

> As edições do telejornal não divulgaram estudos que apontassem saídas ou mostrassem as políticas públicas implementadas para a questão da segurança pública. Do mesmo modo percebe-se que o governador de São Paulo foi isentado de toda ou qualquer responsabilidade pela questão. A questão da segurança pública figurou, no telejornal, como responsabilidade do governo federal e,especificamente, em 2006, ano de eleições, do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. (COSTA, Alda. 2010: 267)

O que colabora com a hipótese de muitos estudiosos que acreditam que a grande mídia brasileira é opositora de alguns governos, quando os representa sempre de forma negativa, sem especificar as competências de gerir a segurança pública.

Por fim, a terceira discussão, exposta pelos idosos nas suas respostas, a que se refere a superexposição da violência na mídia: os efeitos causados nas crianças e adolescentes. Esta foi uma preocupação evidente nas respostas dos entrevistados. O idoso 01, sugeriu a proibição de determinados programas em horários destinados às crianças. A idosa 06 disse que "Não era para passar (violência) na televisão, porque as crianças passam e veem.". A idosa 04 acha que "a tv deveria fazer essa programação melhor, não mostrando tanta violência, principalmente para os jovens". Já a idosa 05 complementou o pensamento, afirmando que deveria ser proibido as crianças assistirem programas que retratem a violência, "às vezes, muitas crianças aprendem e quando ficam maiores, adolescentes, vão fazer porque viram na tv".

Essa mesma preocupação foi exposta pelos seis entrevistados. Preocupação também de alguns estudiosos.

> A observação repetida de comportamento agressivo aumenta a probabilidade de as crianças incorporarem roteiros agressivos dentro do repertório dos roteiros sociais, particularmente se seu uso particular desses roteiros é seguido de reforço. (ANDERSON et al., 2003: 41)

Além dessa reação de "espelho" provocada pela televisão, há ainda o fato de que essas imagens "ganham relevo e emergem como fatos de interesse por exporem publicamente para a opinião, reflexão e julgamento um certo caráter sociocultural das nossas práticas violentas – menos psicológica, política e ideologicamente fundadas." (RONDELLI, 1998: 146)

Barry Glassner, no livro *Cultura do Medo*, concorda com esssa teoria de que a glorificação da violência é causada pelos jornalistas, que, segundo ele, se usassem menos expressões apelativas e sensacionalistas, o impacto da sensação de medo seria menor. O autor norteamericano também acredita que os jornalistas criam "histórias" para os casos, com "vilões, vítimas, histórias nas quais as pessoas reais em sua complexidade real e os perigos reais que elas e a sociedade como um todo enfrentam podem ser entrevistos apenas nas sombras" (2003: 104), o que cria um efeito de terror sobre a realidade.

Corrobora com essa ideia a autora Elizabeth Rondelli, no texto *Imagens da violência e práticas discursivas*, afirmando que "este excesso da tematização teve o efeito de construir um determinado *imaginário* sobre a violência, que passou a informar e a produzir atitudes sociais a ela referenciadas." (1998: 146)

No Brasil, há uma breve constatação de melhora da programação, conforme relata Ramos em sua pesquisa sobre violência e jornais impressos:

> Nas televisões, o fim do programa Cidade Alerta, que saiu do ar em junho de 2005, bem como mudanças em programas regionais vespertinos, baseados na combinação de jornalismo e histeria, parecem indicar uma tendência que marcará os próximos anos: seja por conta do desinteresse dos anunciantes, seja pelo fastio do público, estão cada vez mais reduzidos os espaços para a apelação e as bravatas do tipo "bandido bom é bandido morto". Tudo indica que a máxima "violência vende", tantas vezes usada para justificar o mau jornalismo e embasar um discurso pessimista e genérico contra a mídia, inclusive no ambiente acadêmico, já não dá conta da realidade da cobertura de violência e criminalidade. (IBID. 2007: 17)

Mas a realidade atual local, do Pará, contradiz essa afirmação. Na TV RBA (Rede Brasil Amazônia), 5 do total de 7 programas encaixados na categoria Jornalismo (pela própria TV) abordam como tema central a violência usando bravatas como a exposta pela autora -"bandido bom é bandido morto" – e seguindo a linha de pensamento do *Cidade Alerta*. São eles: *Barra Pesada*, *Brasil Urgente*, *Cidade Contra o Crime*, *Metendo Bronca* e *Rota Cidadã 190*, o último auto-descrito como um programa com inúmeras perseguições à criminalidade onde tudo pode acontecer. Além disso, o programa *Cidade Alerta* não apenas voltou a ser exibido de segunda a sexta, no final da tarde, como foi reformado para abranger maior público, alcançando a *internet* através da transmissão ao vivo online no portal R7 e da interatividade nas redes sociais.

> Nessa combinação de ficção, jornalismo, fabulação e dramatização, os teleshows da realidade ("Cidade Alerta", "Repórter cidadão", "Programa do Ratinho", "Domingo Legal", mas também em "Linha Direta", da Globo) fazem não apenas uma teatralização e especularização do terror e da insegurança social, mas reforçam discursos bélicos, o racismo, o denuncismo e toda sorte de pregação moralizante, que inclui freqüentemente apologia à pena de morte, ao justiçamento e linchamento, aos preconceitos de toda ordem, num discurso

> obscurantista e populista. (BENTES, A sociedade contra a TV. ***Folha de S. Paulo***, São Paulo, 5 dez. 2003. Caderno Mais!, 4-5.)

O resurgimento e a expansão desse tipo de programa reflete no pensamento dos entrevistados desta pesquisa. Usaram linguagens, pensamentos e tons parecidos com as falas desses apresentadores ao se referirem aos criminosos, como a idosa 05, que disse: "quem tira a vida do outro tem que pagar, ficar preso até sofrer bastante até não fazer mais".

CONCLUSÕES

È evidente que as considerações finais são pautadas na pequena amostra que tomei para realizar o presente artigo, motivada a partir de minha participação no projeto de pesquisa Mídia e Violência; as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense. A pesquisa de campo realizada é uma iniciativa preliminar do que pode ser uma pesquisa bem mais ampla. Por esse mesmo fato, não se pode inferir resultados definitivos, mas alguns encaminhamentos e estudos mais ampliados para se avaliar o comportamento de idosos frente à programação violenta da televisão. Algumas constatações foram possíveis de serem observadas, como: diferença de sentimentos e sensações relatadas por homens e por mulheres. Idosos do sexo masculino não quiseram utilizar a palavra "medo" para expressar o que sentem ao ver violência nos noticiários. Ao invés disso, usaram os termos "indignado", "incomodado", "assustado", "constragido", "inquieto" e "receoso". Já as mulheres citaram a palavra "medo" diversas vezes e revelaram se sentir "com muito mais medo e preocupada", "muito mal", "triste", "impressionada", "horrível" e "muito ruim" após assistirem aos telejornais.

Os homens não sentem aversão a filmes com conteúdo violento, enquanto mulheres se sentem incomodadas e preferem não assistir esses gênerso. No geral, as idosas se preocupam mais com a televisão em si, os idosos mais com a atitude do governo em relação ao que está relatado nas notícias.

Dessa forma, as mulheres entrevistadas demonstram maior abalo por conta das imagens televisivas de violência e os homens maior resistência e, em alguns momentos, certo apoio à aversão deles pela realidade que acreditam estar sendo transmitida nos noticiários.

Essa relação da diferença entre homens e mulheres também se apresenta na própria mídia, quando os programas que tratam especificamente de violência nos canais de televisão aberta nacionalmente são todos apresentados por homens, que se expressam através de termos semelhantes dos entrevistados, como "indignados" e "revoltados".É possível que esse fator cause o efeito de "espelho" já trabalhado anteriormente neste artigo e isso seja a causa da atitude dos idosos.

A intenção não é colocar um ponto final no artigo, mas ampliar sua discussão numa proposta de pesquisa maior. Por enquanto, essa discrepância não possibilita uma resposta definitiva para a pergunta-chave "Até que ponto a violência na mídia contribui para a cultura do medo?", mas, como resposta parcial, responde-se que contribui a ponto de influenciar no modo como os idosos sentem mais receio de sair de casa, um senso de proteção maior do que os mais novos, sentimentos mais aguçados e uma visão de que o mundo está mais violento que em tempos já vividos por eles no passado.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

AGUIAR, Cristiane Lamin Souza. **Medo e descrença nas instituições de lei e ordem**: Uma análise da imprensa escrita e das sondagens de opinião. 2005. Disponível em <http://www.nevusp.org/downloads/down184.pdf>. Acesso em 12 de março de 2013.

AMARAL, Layne. **Mídia e violência urbana:** o corpo contemporâneo e as suas afetações em uma cultura de risco. 2007. Disponível em <www.logos.uerj.br/PDFS/26/10_LAYNE.pdf>. Acesso em 26 de fevereiro de 2013.

ANDERSON, Craig A. et al. **The influence of Media Violence on youth**. 2003. Disponível em <http://www.psychology.iastate.edu/faculty/caa/abstracts/2000-2004/03ABDHJLMW.pdf>. Acesso em 26 de fevereiro de 2013.

BENTES, A sociedade contra a TV. ***Folha de S. Paulo***, São Paulo, Caderno Mais!, 4-5, 5 dez. 2003.

BUSHMAN, Brad J.; ANDERSON, Craig A. **Media Violence and the American Public**: Scientific Facts Versus Media Misinformation. 2001. Disponível em <http://www.psychology.iastate.edu/faculty/caa/abstracts/2000-2004/01BA.ap.pdf>. Acesso em 12 de março de 2013.

CAMARANO, Ana Amélia et al. **Como vai o idoso brasileiro?** Rio de Janeiro, 1999. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0681.pdf>. Acesso em 12 de março de 2013.

COSTA, Alda. **A construção social da violência no contexto jornalístico e político**: o embate entre visível e invisível. 2010. Disponível em <http://www.ppgcs.ufpa.br/arquivos/teses/teseTurma2005-AldaCosta.pdf> Acesso em 26 de fevereiro de 2013.

GLASSNER, Barry. **Cultura do medo**. São Paulo: Ed. Francis, 2003.

RAMOS, Silvia. **Mídia e violência:** tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RONDELLI, E. **Imagens da violência e práticas discursivas**. In: PEREIRA, Carlos A. M. (org.) Linguagens da violência. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000, p.152-160.